

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

PAULO DE FIGUEREDO BARBOSA

**ESTUDO DE CASO DA FEIRA QUINTAL SOLIDÁRIO: ANÁLISE DA
SATISFAÇÃO DOS CONSUMIDORES**

VIÇOSA – MG

2022

PAULO DE FIGUEREDO BARBOSA

**ESTUDO DE CASO DA FEIRA QUINTAL SOLIDÁRIO: ANÁLISE DA
SATISFAÇÃO DOS CONSUMIDORES**

Trabalho de Conclusão de Curso, a
Universidade Federal de Viçosa, como parte
das exigências do Curso de graduação em
Cooperativismo, para obtenção do título de
Bacharel em Cooperativismo.

Orientadora: Bianca Aparecida Lima Costa

VIÇOSA – MG

2022

PAULO DE FIGUEREDO BARBOSA

**UM ESTUDO DE CASO DA FEIRA QUINTAL SOLIDÁRIO: ANALISANDO A
SATISFAÇÃO DOS CONSUMIDORES**

Trabalho de Conclusão de Curso, a Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Curso de graduação em Cooperativismo, para obtenção do título de Bacharel em Cooperativismo.

APROVADA: ____ DE _____ DE 2022.

Bianca Aparecida Lima Costa

(Orientadora)

(UFV)

Ana Lúcia Coutinho Galvão

Samila Nunes Rezende Rodrigues

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram ao longo destes anos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram, apoiaram e que sem dúvidas tiveram um grande impacto na minha formação acadêmica e formação como indivíduo.

“Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos auxiliam muito”.

(Chico Xavier)

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar um estudo de caso a respeito do "Quintal Solidário, Feira de Economia Solidaria e Agricultura Familiar" e tem como objetivo analisar a satisfação de consumidores da feira no período após a pandemia do Covid-19. A pesquisa de caráter exploratório-descritivo apresenta os principais resultados alcançados, onde, apontaram que o espaço da feira é frequentado em sua maioria pelo público feminino com maior grau de escolaridade. Também foi observado que o Quintal Solidário entre os consumidores teve uma avaliação tida majoritariamente como excelente, sendo os principais motivos a disponibilidade de produtos frescos, alimentos sem agrotóxicos e aquisição direta com o produtor.

Palavras-chave: Agricultura Familiar, Circuitos Curtos de Comercialização Economia Solidária e Quintal Solidário

ABSTRACT

The present work aims to present a case study about the "Solidarity Farm, Solidarity Economy and Family Agriculture Fair" and analyzes the level of satisfaction of consumers at the fair in the period after the Covid-19 pandemic, thus identifying the main challenges faced in returning to face-to-face activities. The exploratory-descriptive research presents the main results achieved, which pointed out that the fair space is mostly frequented by the female public with a higher level of education and that the availability of fresh products, foods without pesticides and direct purchase are the main factors that contribute to its excellent evaluation.

Keywords: Family Farming; Short Circuits of Commercialization Solidarity Economy and Solidarity Backyard.

SUMÁRIO

Sumário

1. INTRODUÇÃO	1
2. REFERENCIAL TEÓRICO	4
2.1 Feiras livres: suas origens e relação de consumo.....	4
2.1.1 Economia Solidária como estratégia de desenvolvimento	5
2.1.2 Circuitos curtos de comercialização	9
2.2 2.2 Quintal Solidário: Aproximando produção e consumo	10
3. METODOLOGIA	13
3.1 Tipo de Pesquisa	13
3.2 Caracterização do local de estudo.....	13
3.3 Procedimento e Instrumento de Coleta de Dados	14
4. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICOS	29

APÊNDICE

32

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso a respeito do Quintal Solidário, Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar e tem como objetivo analisar a satisfação de clientes e consumidores da feira no período após a pandemia da Covid-19, identificando os principais desafios enfrentados no retorno das atividades presenciais.

A relevância desse estudo justifica-se por buscar abordar uma temática que na realidade social configura-se como estratégia de comercialização de agricultores familiares, que são desprivilegiados diante da lógica do mercado, a qual beneficia os grandes produtores em detrimento de tal grupo.

De acordo com Darolt (2013), diante das dificuldades relacionadas à inserção no mercado, grande parte dos agricultores teve que optar por trabalhar para suprir as grandes cadeias de distribuição, o que provocou um maior distanciamento entre a cidade e o campo, conduzindo, assim, os produtores a se aderirem ao modelo de produção, distribuição e consumo concentrado em circuitos longos. Essa realidade social privilegia os grandes produtores, de modo que os agricultores familiares se encontram insatisfeitos com a organização do mercado. Nessa direção, as feiras livres despontam como alternativas à comercialização dos produtos da agricultura familiar – privilegiando os agricultores, bem como os consumidores interessados em adquirir produtos mais saudáveis, cultivados de forma sustentável, com preços mais justos e conhecedores da origem e das pessoas que produzem (DAROLT, 2013). Esses espaços desenvolvem uma lógica contrária à lógica das grandes cadeias de distribuição, favorecendo o vínculo real entre consumidores e produtores (DE CARVALHO-VERMELHO; DO DECLIVE 2018).

As feiras são espaços que promovem acesso aos mercados e aproximam produtores e consumidores, principalmente em nível local. Essas táticas contribuem no fomento aos circuitos curtos de comercialização, que fortalecem a agricultura familiar, a economia solidária e agricultura local. Essas experiências têm sido desenvolvidas em diferentes espaços e potencializam não apenas a organização econômica, mas também a segurança alimentar e nutricional, o comércio justo e o consumo solidário (COSTA, et al., 2019). No Brasil, várias universidades que desempenham um papel fundamental para o desenvolvimento econômico e social do país têm organizado feiras sobre esses temas em suas sedes (DE ASSIS; COSTA; PRIORE., 2021).

Tais iniciativas universitárias constituem como campo de ensino, pesquisa e extensão, além de contribuir para uma sociedade mais justa e sustentável. As experiências em geral, são baseadas nos parâmetros do decreto nº 7.358, de 17 de novembro de 2010, que institui o Sistema Nacional de Comércio Correto e Solidário, sendo considerada uma prática comercial diferenciada, que se baseia nos valores de justiça social e solidariedade realizadas por organizações a economia solidária (COSTA, et al .2019). Tal decreto foi extinto em 2018 e a pandemia da COVID-19 impactou na manutenção destas iniciativas.

Em Viçosa/MG, as feiras livres são métodos tradicionais de negociação. A primeira feira livre da cidade teve início há cerca de cinquenta anos (1967) e foi motivada, principalmente, pela limitada disponibilidade de hortaliças no mercado local (LELIS et al, 2017). A cidade contém outros dois espaços de venda comercial de produtos da agricultura familiar: Feira Agroecológica e Cultural da Violeira e Feira Noturna de Viçosa. (DE ASSIS; COSTA; PRIORE, 2021).

Em junho de 2016, a seção do sindicato dos docentes da Universidade Federal de Viçosa (ASPUV) e a Incubadora Tecnológica do Programa de Extensão para Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV) iniciaram uma parceria para organizar um espaço que pudesse potencializar as iniciativas de solidariedade local por meio da feira conhecida como Quintal Solidário: Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar, sediada na ASPUV e registrada como projeto de extensão no sistema RAEX sob o código PRJ-088/2017 (COSTA, 2019).

O principal objetivo do Quintal Solidário é promover a economia solidária e a agricultura familiar para que haja integração entre produtores e consumidores, cuja intenção visa o fortalecimento das relações solidárias, o consumo consciente e a produção sustentável, além de apoiar a coleta seletiva e contribuir com espaços de capacitação voltados aos expositores com o objetivo de melhorar a qualidade de seus produtos e possibilitar a eles o acesso a novos mercados (COSTA, et al 2019). Nesse sentido, o Quintal Solidário configura-se como importante local de comercialização e formação humana dentro de Viçosa/MG, o que o torna espaço privilegiado para o desenvolvimento de pesquisa.

Para trabalhar em prol do objetivo do presente trabalho, este texto foi organizado em introdução, onde é contextualizado a pesquisa na feira Quintal Solidário, Feira de

Economia Solidária e Agricultura Familiar, tendo como objetivo mensurar o grau de satisfação dos consumidores da mesma. No segundo tópico, foi realizado uma revisão bibliográfica, acerca dos seguintes temas: Feiras livres, Feiras de Agricultura familiar e Economia Solidária, Circuitos Curtos de Comercialização e Quintal Solidário. Em seguida, é apresentado a Metodologia de caráter exploratório-descritivo expondo as etapas realizada na coleta de dados da pesquisa. No próximo tópico trata-se dos resultados e análises de dados dando origem aos gráficos e tabelas podendo-se identificar aspectos que envolvem a dinâmica de funcionamento do Quintal Solidário. E, por fim, nas considerações finais há um breve resumo englobando a pesquisa e sugestões futuras para o empreendimento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, o texto abaixo diz respeito as feiras livres e de Economia Solidária (como a feira Quintal Solidário que acontece nas mediações da Universidade Federal de Viçosa - MG). Pontuamos brevemente o histórico e as principais características destes espaços de comercialização. Além disso, descrevemos momentos históricos impactantes como a Revolução Verde. Em seguida, se estabelece uma correlação entre os conceitos e propriedades dos circuitos curtos de comercialização com as feiras de Agricultura Familiar e Economia Solidária.

2.1 Feiras livres: suas origens e relação de consumo

Há dados de que as feiras existem desde a antiguidade, por volta de 2000 A.C, em lugares como a Grécia, a Roma, o Egito e a Mesopotâmia. Vale ressaltar que embora as exposições tenham decrescido na Europa após o colapso do Império Romano, elas sempre existiram em países orientais como China e Índia, e foram se tornando cada vez mais populares ao longo do tempo. (AZEVEDO; QUEIROZ, 2013).

No Brasil, a primeira referência à constituição de uma feira data-se em 1548, onde em uma constituição remetida por Dom João III, ele ordenou que as vilas tivessem pelo menos um dia por semana para organizar exposições dos produtos agrícolas produzidos no meio rural. O objetivo era realizar um intercâmbio entre nativos e europeus, conhecido como escambo. No entanto, os primeiros registros oficiais pertencem à exposição Capoame de 1732, Recôncavo Baiano (DANTAS; PACHELLY, 2008).

Em geral, as feiras no Brasil são realizadas ao ar livre, concedendo a reunião entre pessoas, mercadorias, conhecimentos e capitais em diferentes dimensões, podendo ser feitas através da utilização de moedas de troca ou escambo. Assim, as exposições podem ser consideradas tanto como instituições econômicas e um ambiente de prática social, quanto uma importante dimensão espacial e organizacional. (DANTAS; PACHELLY, 2008).

Além disso, as feiras possibilitam o escoamento de alimentos que também são produzidos de forma saudável, sem a utilização de agrotóxicos, contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar agroecológica (CUNHA, 2013). Segundo

Carneiro et al. (2015), a utilização de agrotóxicos representa grande ameaça não só ao meio ambiente, mas também à saúde de agricultores e agricultoras que fazem uso em suas plantações, visto que ocorre a contaminação do solo e, conseqüentemente, dos alimentos.

Para entender melhor o contexto que fortalece as correntes da agricultura familiar no Brasil, devemos, primeiro, analisar o processo de modernização da agricultura que vem ocorrendo em nosso país e compreender melhor o contexto histórico e os efeitos do que se tornou a “Revolução Verde” (DE ASSIS; COSTA; PRIORE, 2021).

Segundo Neto (2014), a “Revolução Verde” pode ser entendida como a busca do progresso tecnológico na agricultura, principalmente por meio do aumento da produtividade. É um modelo de produção pautado no uso intensivo de maquinário agrícola, de agrotóxicos e de fertilizantes.

A década de 1970 foi marcada pela desestabilização causada pela Revolução Verde no sistema alimentar agrícola tradicional brasileiro. A tecnologia voltada para o manejo da produção agrícola disponível nesta época ainda era arcaica e representava grandes perigos ao solo e lençóis freáticos, o que ao longo dos anos acarretou diretamente na queda da biodiversidade agrícola e ecológica, isso fez com que houvesse um declínio gradual da produção de alimentos para a comercialização, rompendo assim, com as formas tradicionais de comercialização, como as feiras (MEIRELLES, 2004).

Gliessman (2009) afirma que essa agricultura moderna é insustentável, visto que a deterioração causada pela mesma impossibilita, a longo prazo, a continuação da produção de alimentos nos solos já utilizados. Uma agricultura sustentável, segundo Altieri (2008), tem como base a produção agroecológica, priorizando a conservação do meio ambiente, minimizando os impactos negativos e com foco em suprir às necessidades da população rural, tanto agricultores, quanto consumidores.

2.1.1 Economia Solidária como estratégia de desenvolvimento

As mudanças políticas, culturais e socioeconômicas ocorridas após a Revolução Industrial ocasionaram no aumento da precarização da relação empregador e empregado, fazendo com que os trabalhadores aceitassem condições de trabalho sem a

garantia de direitos sociais para manter sua sobrevivência e de suas famílias (PELLOSO; CAMPOS, 2015).

Atrelado a tais dificuldades, a classe trabalhadora se viu na necessidade de buscar outras formas de organização para diversificar a geração de renda. Desse modo, o trabalho em coletividade se difunde, principalmente, no campo, por meio de cooperativas e associações, se diferenciando do mercado competitivo já existente devido aos empreendimentos agora solidários. (SILVA, p 1-3 2019)

A Economia Solidária consiste em uma série de iniciativas baseadas na auto governança e na organização coletiva das atividades econômicas como produção, circulação, distribuição e consumo. Segundo Coraggio (2017), essa experiência tem como foco a reprodução e o desenvolvimento da vida humana e da natureza guiado por princípios éticos.

A Economia Solidária se estabelece a partir dos relacionamentos humanos, onde as conexões sociais são valorizadas, com a reciprocidade e a reflexão coletiva (LECHAT PAULE, 2012). É também uma forma de organização econômica da agricultura familiar, capaz de melhorar o modo de produção, mercantilização e agregação de valores aos produtos. Para que haja fortalecimento desse mercado, é necessária a implementação de políticas públicas adequadas, intencionadas em apoiar e promover os agricultores e suas famílias (LISBOA; ALCANTARA, 2019).

Uma das intenções da economia solidária é promover o desenvolvimento local centrado no combate à pobreza, e mostrar que as estratégias para esse tipo de desenvolvimento devem ser coletivas. Dessa forma, as redes de Economia Solidária simbolizam a promoção do desenvolvimento local, dando espaço à solidariedade sustentável como estratégia de reeducação e aprendizagem das pessoas envolvidas nestes tipos de empreendimentos (FRANÇA FILHO, 2008).

No Brasil, a Economia Solidária está relacionada ao começo do século XX, trazida por cooperativas de imigrantes europeus. A utilização de práticas solidárias é entendida como mecanismo capaz de favorecer os processos de produção, melhorando o relacionamento com o mercado, sociedade civil e instituições (Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES, 2016; COSTA, 2013).

A Economia Solidária Brasileira nos anos 90 caracterizou-se pela presença de uma luta entre movimentos sociais. Essa organização popular culminou com a

formalização do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) no 3º Congresso Brasileiro de Economia Solidária em 2003, contribuindo, assim, para o estabelecimento do marco legal para a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária. A partir de 2003 até 2016, a participação popular em conselhos, conferências e plenários permitiu que o tema permanesse na agenda do governo (Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES, 2016; COSTA, 2013).

A agricultura familiar é dominante na zona da mata de Minas Gerais, região com o terceiro maior número de agricultores familiares do estado (14,04 %) (BRASIL, 2014). Caracteriza-se pela disseminação do conhecimento tradicional utilizado na agricultura de geração em geração, bem como entre as famílias que estão efetivamente envolvidas no processo agrícola. As peculiaridades da agricultura familiar na região possibilitam o enfrentamento de questões sociais e econômicas, de sociedade e meio ambiente. Conseqüentemente, a inclusão social é fundamental para a qualidade de vida dessas famílias (SOUZA, 2006).

Além disso, segundo o Censo Agropecuário (2006), em Viçosa-MG o número de agricultores familiares era de 874 e segundo a Secretaria Especial de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário (SEAD), antigo Ministério do Desenvolvimento Agrário, em 2018 eram 677. Registros de promulgações de Aptidão para o PRONAF (DAP) físicas no município importa referir que deste número 292 são DAP ativos. A produção agrícola do município destaca-se por culturas temporárias como milho (9.000 toneladas), cana-de-açúcar (1.960 toneladas), soja (517 toneladas), mandioca (120 toneladas) e tomate (270 toneladas), em 2015. Em produtos permanentes majoritariamente aparecem: café (3.024 toneladas), banana (250 toneladas), tangerina (125 toneladas). Em termos de pecuária, destacam-se frangos (452.455 cabeças), bovinos (9.410 cabeças) e suínos (3.860 cabeças) (IBGE, 2017).

No contexto de uma região onde a agricultura familiar possui grande influência e conta com a presença e apoio da Universidade Federal de Viçosa (UFV), a qual se destaca na pesquisa e na promoção do desenvolvimento rural na Zona da Mata (ZM) de Minas Gerais. Há 30 anos, as atividades agroecológicas são desenvolvidas em conjunto com os mais diversos ativos rurais com sindicatos rurais, Centro de Tecnologia Alternativa na Zona da Mata (CTA-ZM) e UFV. O objetivo dessas pesquisas é melhorar

as condições de vida dos agricultores familiares, valorizando o conhecimento tradicional e local (MIGUEL, 2018).

Ainda com o intuito de contribuir com o desenvolvimento de pesquisas na região, houve a criação de programas e projetos voltados para a comunidade, como, por exemplo, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da UFV, criada em 2003, como um programa de expansão e contribuindo para a conformação do desenvolvimento Econômico Solidário na ZM de Minas Gerais. Desenvolvendo ações voltadas ao fortalecimento e promoção de empreendimentos econômicos solidários, buscando a geração de trabalho e renda, promovendo o consumo consciente, o comércio justo, a segurança alimentar, a produção agroecológica e solidária e o desenvolvimento local sustentável (LIMA, 2013).

Em 19 anos de atuação da ITCP-UFV, nota-se que houve um significativo fortalecimento da economia solidária na Zona da Mata Mineira, e a integração de empreendimentos de economia solidária para garantir a geração de trabalho e renda; propaganda e organização do Movimento Econômico Solidário (LIMA, 2013).

De acordo com Moura et al. (2020), a revolução verde emerge quando a produção agrícola é compelida a atender a demanda global de alimentos em face do rápido crescimento populacional cabido principalmente nos países em desenvolvimento. De certa forma, o desenvolvimento da Revolução Verde não beneficiou a todos, pois favoreceu os agricultores que puderam adquirir esses novos meios de produção, cujas regiões foram favorecidas, principalmente aquelas constituídas por grandes estabelecimentos agrícolas ou latifundiários. Os efeitos positivos da Revolução Verde são sustentados quase exclusivamente pela alta produtividade das variedades e pela queda dos preços dos produtos agrícolas no mercado mundial, devido ao aumento da oferta de alimentos.

Contudo, a implementação de diversas atividades relacionadas à produção de alimentos no meio rural e urbano, desponta como uma estratégia eficaz para a produção, processamento, distribuição e consumo de alimentos, geração de emprego, emprego e renda.

Dentre os aspectos socioeconômicos abordados pelos estudos, destacam-se o crescimento do êxodo rural, a concentração de terras e da renda, os conflitos no campo, o baixo rendimento do pequeno agricultor, sem condições de

competir e até mesmo em garantir sua subsistência. Tais efeitos são derivados de um processo que privilegiou a grande propriedade, o capitalista, o lucro; excluindo e subordinando o pequeno produtor, o camponês. (MOURA et al. P. 34 a 42, 2020).

Em vista disso, o tópico a seguir tem como intuito expressar de maneira mais aprofundada sobre os circuitos curtos de comercialização, pois estes circuitos aproximam os produtores agrícolas de seus consumidores finais. Essa tendência surgiu como resultado do processo de modernização resultante da revolução Industrial e da revolução Verde. Também é importante vincular estratégias de venda curtas com iniciativas de agricultura familiar e economia solidária. A primeira mostra como é fácil comercializar um produto e uma forma mais justa de colocá-lo no mercado. Na segunda, cooperativas solidárias e feiras locais podem ser evocadas como meios que permitem a inserção desse agricultor no mercado sem a figura do intermediário.

2.1.2 Circuitos curtos de comercialização

Observou-se que, a partir do ano de 1990, surgiram grandes redes de supermercados, que passaram a ser importantes representantes dos longos circuitos de comercialização, o que impactou negativamente nos circuitos curtos de comercialização, trazendo um declínio significativo no setor de alimentos de base sustentável e ecológica (GUIVANT, 2003).

Acreditava-se que já não havia mais a possibilidade de sobrevivência de mercados voltados para produtos produzidos pela agricultura local, mas, com o advento das cooperativas, tornou-se possível a elaboração de novos canais mais eficazes de produção, processamento, organização, distribuição e comercialização. Neste contexto, os circuitos curtos de comercialização surgiram como alternativa e marcaram o início das primeiras feiras livres orgânicas (MEIRELLES, 2007).

Segundo Cassol e Schneider (2015), a principal característica dos circuitos curtos de produção e comercialização está ligada à distância física entre os produtores primários e os destinatários finais dos alimentos, o que contraria a lógica dos circuitos longos, formados pelos industriais, geralmente compostos por redes de abastecimento que cada vez mais distanciam e desintegraram esses produtores e consumidores. Outra característica importante dos circuitos curtos é que os produtos comercializados através

de vendas diretas ou indiretas, do fabricante ao consumidor, centralizam-se em apenas um intermediário (DAROLT, 2013).

Segundo Darolt (2013), os agricultores de circuito curto são principalmente agricultores familiares e possuem menos de 20 hectares de terra. Outra característica das propriedades agroecológicas dos curtos-circuitos é a diversificação, segundo o autor a maioria dos agricultores trabalha com sistemas integrados vegetal e animal. Outro ponto importante a ser ressaltado é a maior liberdade do agricultor em relação aos círculos longos, pois o agricultor ecológico que vende em círculos longos costuma estar associado às empresas que eventualmente afetam, de uma forma ou de outra, a sua produção.

Desta maneira, um meio capaz de integrar os agricultores aos circuitos curtos de comercialização são as feiras de Agricultura Familiar e Economia Solidária tal como a feira estudada neste trabalho.

2.2 2.2 Quintal Solidário: Aproximando produção e consumo

Em 2018, o Quintal Solidário possuía 28 expositores classificados por setores de vendas. Destacam-se as existências de grupos econômicos solidários, muitos dos quais são compostos por servidores públicos e, além disso, mesmo sendo agricultores familiares individuais, alguns deles envolvem suas famílias na comercialização e socialização na feira Quintal Solidário. Em termos de origem, eles vêm das quatro cidades da zona da mata mineira: Viçosa, Teixeiras, Paula Candido e Coimbra (SILVA, 2019).

O segmento de alimentos processados inclui quitandas e outros produtos como queijo e mel. É importante que os produtos comercializados pelos expositores estejam de acordo com os princípios estabelecidos no regulamento do empreendimento de economia solidária estudado. A regra geral é que todos os produtos sejam produzidos ou cultivados pelos expositores e devem ser classificados na ficha de inscrição para avaliação (SILVA, 2019).

O segmento de frutas e hortaliças comercializa alimentos naturais (folhas, frutas, hortaliças, tubérculos, raízes, especiarias e grãos), alimentos minimamente processados (abobrinha e aipim descascados e fatiadas) e quitandas de frutas (frutas secas), polpa, geleia e doces). Um componente dessa diversidade é a comercialização de culturas

alimentares não tradicionais por agricultores, tais como Capuchinha, Taioba e Cabeludinha. No que diz respeito ao cultivo parte dos feirantes produz sem utilizar agrotóxicos. Vale ainda ressaltar que tanto os alimentos minimamente processados quanto os processados requerem embalagens e rotulagem adequadas de acordo com as normas VISA (SILVA, 2019).

No campo do artesanato, existem organizações que adotam a economia solidária como princípio, destacando-se a presença de mulheres trabalhadoras. O coletivo “Arte em Tecido Patchwork” é formado por senhoras aposentadas que têm neste trabalho não apenas uma fonte de renda, mas também um espaço de socialização e bem-estar. A diversificação de produtos é de suma importância no setor de artesanato, especialmente em datas especiais e comemorativas (SILVA, 2019).

A Associação dos artesãos de Viçosa (ADAV) foi fundada em 1993 e é formada por artesãos que produzem os mais variados tipos de artesanato. O Grupo de produção Solidária (Semeart) é vinculado aos serviços de saúde mental da UFV (AGROS) e tem como objetivo realizar atividades artesanais para o desenvolvimento psicossocial de seus integrantes. Havia também as Samaritacas, um grupo de mulheres carentes atendidas pela casa do Caminho Bezerra de Menezes. A casa do Caminho ajuda sobreviventes de violência, viciados em álcool e drogas. Esse ofício foi uma ferramenta que encontraram para não só trazer renda para as meninas e suas famílias, mas também para criar uma identidade como grupo de trabalho (SILVA, 2019). No entanto, esse grupo não faz parte mais do empreendimento em 2022.

Um dos objetivos do Quintal Solidário é instituir um espaço para os artistas locais socializarem e divulgarem seus trabalhos por isso há uma atração cultural todas as semanas, considerando-se que muitos desses artistas são estudantes da UFV em busca de um local para divulgar seus trabalhos. Como demonstração de gratidão pelos shows, cada expositor contribui doando um produto por ele comercializado, a fim de compor uma cesta, que é entregue aos músicos e artistas responsáveis pela apresentação do dia. (SILVA, 2019)

Referente às atividades que compõem o calendário do Quintal Solidário, optou-se por incluir diversas atividades, sendo elas culturais ou decorativas para datas comemorativas como Dia das Mães, festa junina, Dia das Crianças, Natal etc. Os expositores são incentivados a produzir determinados produtos dentro dessas datas,

produtos estes que condizem com a festividade que será comemorada em questão. Na intenção de promover o consumo consciente, o Quintal Solidário fomenta feiras de trocas nestas datas comemorativas, onde estimula-se, principalmente as crianças, a levarem seus brinquedos e realizarem trocas uns com os outros (SILVA, 2019)

O Quintal Solidário tornou projetos de ensino, pesquisa e extensão indissociáveis por meio da participação de diferentes cursos, áreas de conhecimento e afins. As iniciativas implementadas promovem o desenvolvimento local, contribuem para a formação dos alunos participantes e ressalta a promoção da agricultura familiar e da economia solidária (SILVA, 2019).

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Compreende-se, a partir de Gil (2008), que a pesquisa aqui desenvolvida se trata de uma pesquisa aplicada, de cunho exploratório-descritivo, de abordagem quanti-qualitativa. Sua realização se deu em duas etapas distintas, porém complementares. A primeira etapa consistiu na realização de uma pesquisa bibliográfica a fim de aprofundar o conhecimento sobre a realização de feiras, aquelas de agricultura familiar e economia solidária, assim como o circuito de comercialização. Em um segundo momento, desenvolveu a coleta e sistematização de dados, com o intuito de analisar a Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar Quintal Solidário a partir da ótica do cliente consumidor.

Por último, destaca-se que a pesquisa realizada se caracteriza como o estudo de caso. De acordo com Yin (2005), o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno dentro do seu contexto real. Permite descrever o objeto e a realidade, na qual ele está incluso.

3.2 Caracterização do local de estudo

A Feira Quintal Solidário: Economia Solidária e Agricultura Familiar surgiu da parceria entre a Seção do Sindicato dos Docentes da Universidade Federal de Viçosa (ASPUV) e a Incubadora Tecnológica do Programa de Extensão para Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV), em 2016, com o intuito de promover e organizar um espaço que potencialize e fortaleça as relações solidárias, consumo consciente e a produção sustentável.

O espaço da Feira reúne empreendimentos econômicos solidários (grupos, associações e cooperativas) e agricultores familiares. Trata-se da materialização de um espaço que proporcione aos agricultores e aos empreendimentos um espaço de comercialização e divulgação dos seus produtos e serviços (COSTA, et al. 2019).

De acordo com os autores supracitados, atualmente, a feira envolve cerca de noventa e seis pessoas, que tem um perfil bastante diferenciados: movimentos sociais, rede de prosumidores, pacientes de saúde mental e de projetos de inclusão social. Além do que, envolve distintos municípios como Viçosa, Ervália, Teixeiras e Coimbra. No

total são trinta e cinco barracas, que se dividem em três seções: artesanato, alimentos e minimamente processados e hortifruti.

Para além de um ambiente de comercialização, o Quintal Solidário caracteriza-se como um espaço de convivência e de promoção da cultura local. Há apresentações artísticas-culturais, espaço infantil e desenvolvimento de oficinas.

3.3 Procedimento e Instrumento de Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada mediante técnica que combinou observação e questionário. Primeiramente, visitou-se o espaço onde é realizado o Quintal Solidário a fim de observar a dinâmica de funcionamento da feira. Desenvolveu-se observação simples, na qual se observa de maneira espontânea os fatos que ocorrem (GIL, 2008). As observações realizadas foram anotadas em um caderno de campo.

Estando no espaço do Quintal Solidário, foi feita a contagem de quantas pessoas acessam a feira. Essa contagem foi feita com o auxílio do *Software* Excel. A contagem foi realizada considerando e discriminando os indivíduos que adentravam o espaço da feira por faixa etária e sexo. Foi verificado que duzentas e noventa e sete pessoas (297) pessoas foram ao Quintal Solidário.

Nesse momento de contagem dos indivíduos que adentravam ao espaço do Quintal Solidário, ofertou-se a eles o questionário da pesquisa. O questionário contém quatorze questões – abertas e de múltipla escolha – as quais buscavam identificar a percepção que esses sujeitos possuem sobre o Quintal Solidário: quarenta e um (41) indivíduos aceitaram participar da pesquisa; e obteve-se trinta e nove (39) questionários totalmente respondidos. Houve o descarte de dois (2) questionários, uma vez que os sujeitos da pesquisa violaram o questionário (rasgando páginas).

Dessa forma, com base em Gil (2008), compreende-se que o tipo de amostragem realizado foi a Amostragem *por acessibilidade ou por conveniência*, que caracteriza pelo processo de amostragem no qual o pesquisador seleciona e utiliza em sua pesquisa os elementos que ele tem acesso, considerando que, de alguma forma, que esses representam o universo pesquisado.

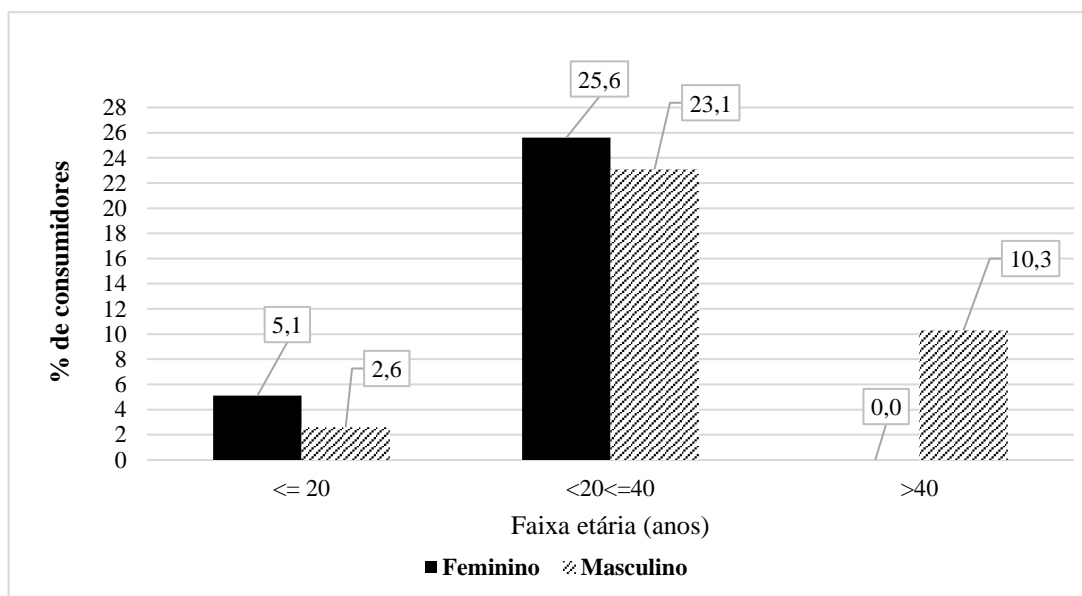
Em seguida, os dados foram tabulados com o auxílio do *Software* Excel, sendo gerado tabelas e gráfico, os quais serão utilizados na próxima seção.

4. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

A partir do questionário, pode-se identificar aspectos que envolvem a dinâmica de funcionamento do Quintal Solidário: perfil do público cliente consumidor, através de aspectos como sexo, faixa etária e escolaridade; satisfação do público quanto a feira; presença de crianças; entre outros elementos.

Na data do dia 06 de julho de 2022, foi feita a contagem de pessoas que adentraram o espaço do Quintal Solidário. A contagem foi realizada considerando três faixas etárias: menores de 20 anos, idades entre 20 e 40 anos e maiores de 40 anos. A distribuição percentual está apresentada no Gráfico 1, logo abaixo:

Gráfico 1 - Clientes Consumidores do Quintal Solidário no dia 06/07/2022 por faixa etária e sexo.



Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que 5,1% das clientes consumidoras entrevistadas e frequentadoras da feira possuem idade inferior a 20 anos; 25,6 % possuem idade entre 20 e 40 anos; e acima de 40 anos não houve nenhuma participante da entrevista, por não aceitar participar da entrevista.

Já o público de cliente consumidor masculinos que se dispuseram a participar da entrevista, 2,6 % encontram-se na faixa etária abaixo de 20 anos, 23,1 % possuem idade entre 20 e 40 anos, e acima de 40 anos 10,3 %.

Já a Tabela 1 busca apresentar dados que demonstram a porcentagem de pais que tem seus filhos como acompanhantes na feira. Como pode-se observar, consumidores masculinos que possuem filhos e os levam à feira compõem 7,7% do público entrevistado, se igualando percentualmente aos consumidores masculinos que possuem filhos, mas ainda assim não os levam à feira. Do outro lado, 5,1% das consumidoras que foram entrevistadas que possuem filhos, os levam à feira consigo e nenhuma entrevistada que possui filhos não os levam a feira.

Ainda, pode-se apontar que 30,8% do público masculino entrevistado não possui filhos e 48,7% do público feminino entrevistado não possui filhos, isso deve ao fato de se encontrarem na faixa etária entre 20 e 40 anos, ainda estudantes em sua maioria.

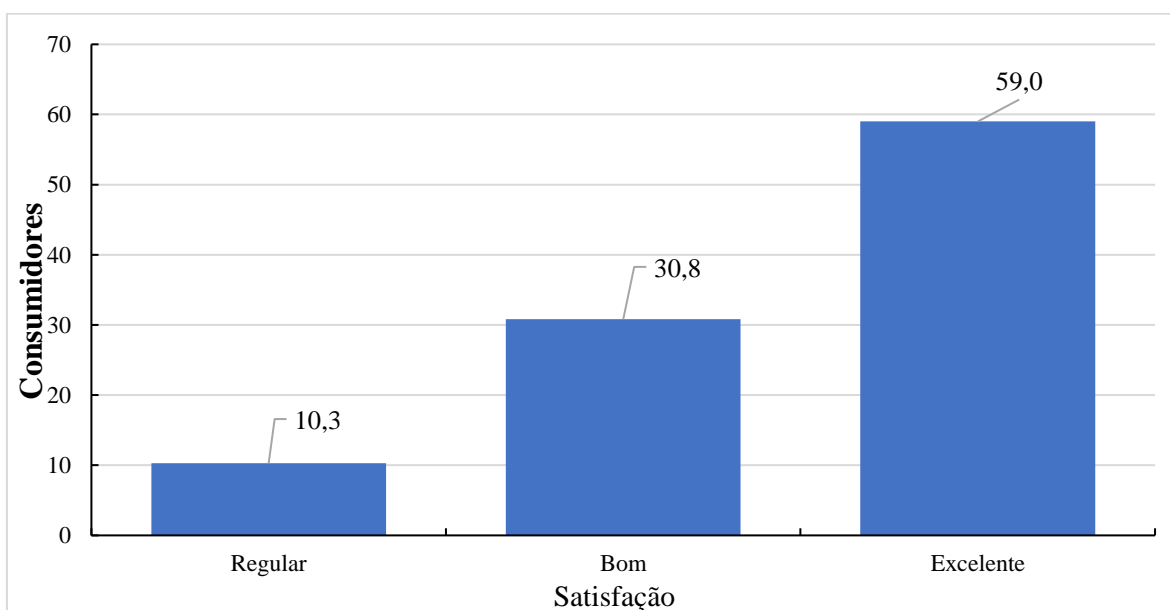
Tabela 1– Perfil dos consumidores em relação ao acompanhamento dos filhos à feira.

	Consumidores (%)			
	Masculinos	Feminino	Masculinos	Feminino
	Com filhos		Sem filhos	
Levam os filhos à feira	7,7	5,1		
Não levam os filhos à feira	7,7	0,0	30,8	48,7

Fonte: Elaboração própria.

O Gráfico 2 apresenta a distribuição do grau de satisfação dos consumidores.

Gráfico 2 -Grau de satisfação dos consumidores



Fonte: Elaboração própria.

Nenhum dos entrevistados considerou a feira como péssima ou ruim, 10,3 % consideram regular, 30,8 % consideram bom e mais de 89 % consideram a feira boa ou excelente.

A Tabela 2 apresenta o perfil dos consumidores em função de seu grau de escolaridade em geral, no entanto percebe-se que maior parte dos entrevistados possuem algum vínculo com a Universidade Federal de Viçosa sendo assim, cerca de 75% dos consumidores entrevistados possuem nível superior, 5,1% são estudantes do ensino médio, 28,2% são estudantes de pós-graduação, 15,5% já são pós graduados (doutores e mestres), 48,7% são estudantes da graduação e os outros 2,6% não possuem nenhum grau de escolaridade.

Nota-se que a localização da feira tem reflexo no público cliente consumidor, pois aqueles que frequentam o Quintal Solidário tem forte relação com o âmbito acadêmico-científico.

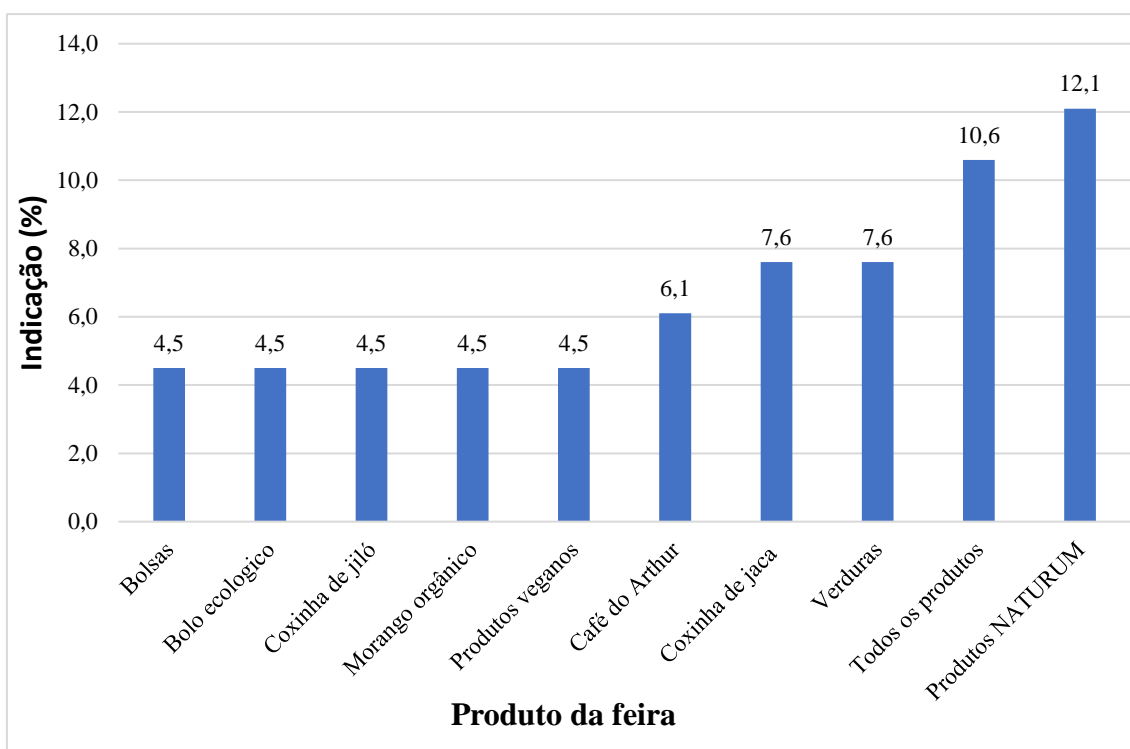
Tabela 2 – Perfil dos consumidos por faixa etária

Ocupação	%
Estudante de Graduação	48,7
Estudante ensino Médio	5,1
Estudante de Pós-graduação	28,2
Sem escolaridade	2,6
Pós-graduado	15,5
Total	100

Fonte: Elaboração própria.

Para os consumidores entrevistados na feira Quintal Solidário, 18 % indicam todos os produtos para compra. Para os demais entrevistados, vários produtos apresentam, cada um, menos de 2 % de indicação, que são: Cadernos das artes do acaso, Cebola orgânica, Cogumelos, Cosméticos naturais veganos, Doces, Empada, Frutas, Legumes da estação, Mandioca descascada, Mel, Padaria, Pão de buraco, Pão de queijo, Patchwork, Taioba, Caldos, Chopp, Hortaliças e Tortinha de frango. Dentre os produtos mais indicados para compra destacam-se os produtos Naturum, com 12,1% das 59 indicações feitas.

Gráfico 3– Relação de produtos indicados para compra



Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 3 apresenta os meios pelos quais os consumidores foram apresentados à feira Quintal Solidário, destacando-se informações através de amigos 35,9 %, e através da UFV 25,6 %.

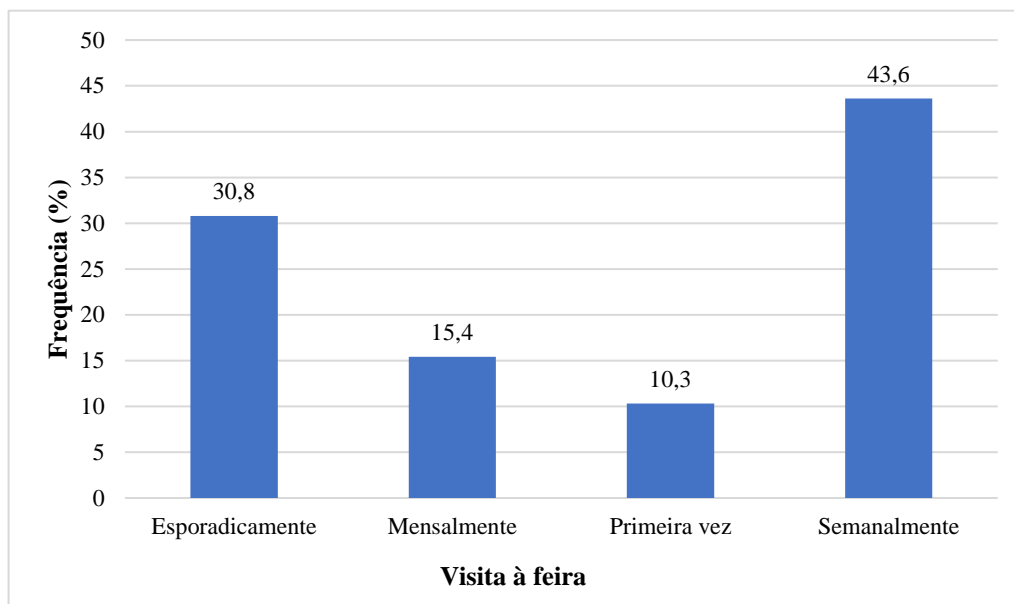
Tabela 3 – Meios pelos quais os consumidores conheceram a feira Quintal solidário.

Forma de apresentação	%
A música chamou atenção	2,6
ASPUV	2,6
UFV	25,6
Expositores	10,3
Amigo	35,9
Familiares	5,1
Mídias sociais	12,8
Movimento social	2,6
ONG	2,6

Fonte: Elaboração própria.

Já os dados referentes a visita à feira estão apresentados no Gráfico 4, sendo 43,6 % dos entrevistados frequentam a feira semanalmente; e apenas 10,3 % correspondem à primeira visita.

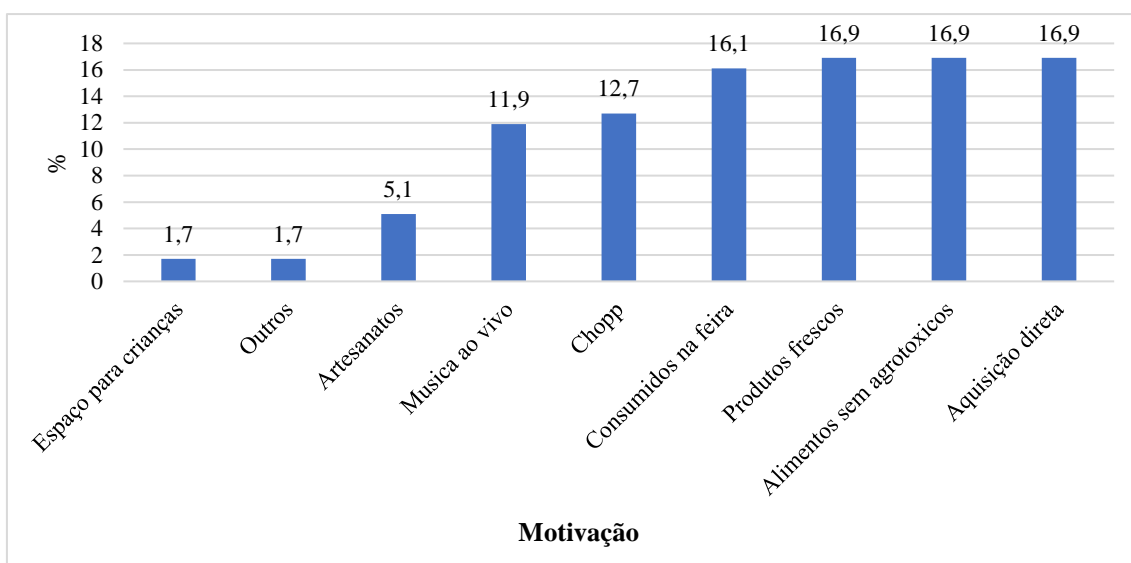
Gráfico 4 - Frequência de visita dos consumidores à feira



Fonte: Elaboração própria.

O Gráfico 5 apresenta a análise das atratividades da feira do ponto de vista dos consumidores. Observa-se que produtos frescos, alimentos sem agrotóxicos e aquisição direta com o produtor são os principais atrativos da feira, exibindo igualmente 16,9 %. O espaço reservado para crianças não representa um atrativo significativo para a visita a feira, visto que apenas 1,7 % dos entrevistados identificaram essa opção como relevante.

Gráfico 5– Motivação para frequentar a feira



Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 4 mostra o portfólio de produtos que foram identificados pelos consumidores como sendo produtos exclusivos da feira Quintal Solidário.

Tabela 4 – Produtos exclusivos do Quintal Solidário

Produtos	(%)
Agrião	2,2
Beldruega	2,2
Bolos caseiros	2,2
Café do Arthur	2,2
Cebola orgânica	2,2
Cogumelos	2,2
Croissant	2,2
Espinafre	2,2
Espinafre	0
Frutas da estação	2,2
Quinoa	2,2
Leite com açúcar derretido	2,2
Limão rosa	2,2
Manga com chocolate	2,2
Moranga descascada	2,2
Pão de buraco	2,2

Produtos artesanais	2,2
Queijos	2,2
Rosquinha	2,2
Taioba	2,2
Produtos sem agrotóxicos	4,4
Serralha	4,4
Morango orgânico	8,9
Coxinha de jiló	11,1
Coxinha de jaca	13,3
Produtos veganos	15,6

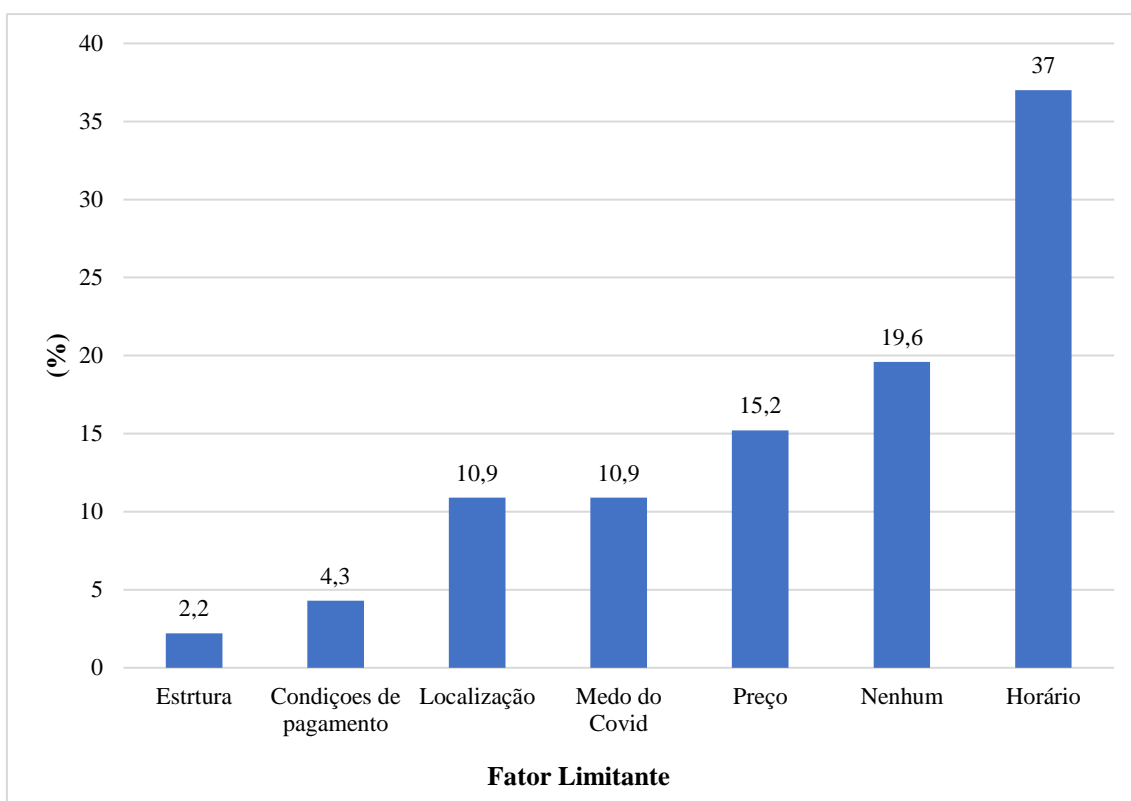
Fonte: Elaboração própria.

Para os consumidores entrevistados na feira Quintal solidário no dia 06 de julho de 2022, 36 % não consideram que a feira tenha produtos exclusivos. Para os demais entrevistados, vários produtos apresentam, cada um, 2 % de indicação, que são: Agrião, Beldroega, Bolos caseiros, Café do Arthur, Cebola orgânica, Cogumelos, Croissant, Espinafre, Frutas da estação, Quinoa, Leite com açúcar derretido, Limão rosa, Manga com chocolate, Moranga descascada, Pão de buraco, Produtos artesanais, Queijos, Rosquinha e Taioba. Dentre os produtos mais indicados como exclusivos pode-se destacar os produtos veganos, 15,6 %, e a coxinha de jaca, 13,3 %.

Sobre o questionamento acerca da feira ser considerada um local de lazer, os consumidores a responderam unanimemente de forma positiva.

Já quando o questionamento sobre os motivos que impedem o consumidor de frequentar a feira, pode-se observar o horário de realização dessa é o principal fator que dificulta o comparecimento do público cliente consumidor e apenas 2,2% dos consumidores apontam que a estrutura da feira representa um problema na hora de frequentá-la., conforme Gráfico 6.

Gráfico 6 - Fatores que impedem o consumidor de frequentar a feira



Fonte: Elaboração própria.

Acerca dos produtos que não são encontrados na feira, identifica-se que 35,3 % dos consumidores entrevistados pensam que não falta nenhum tipo de produto na feira; e os principais produtos dos quais os clientes consumidores sentem falta na feira são os pasteis e o caldo de cana (7,8% ambos). Os demais produtos e suas respectivas porcentagens podem ser visualizados na Tabela 5.

Tabela 5 Produtos não são encontrados na feira pelos consumidores do Quintal Solidário

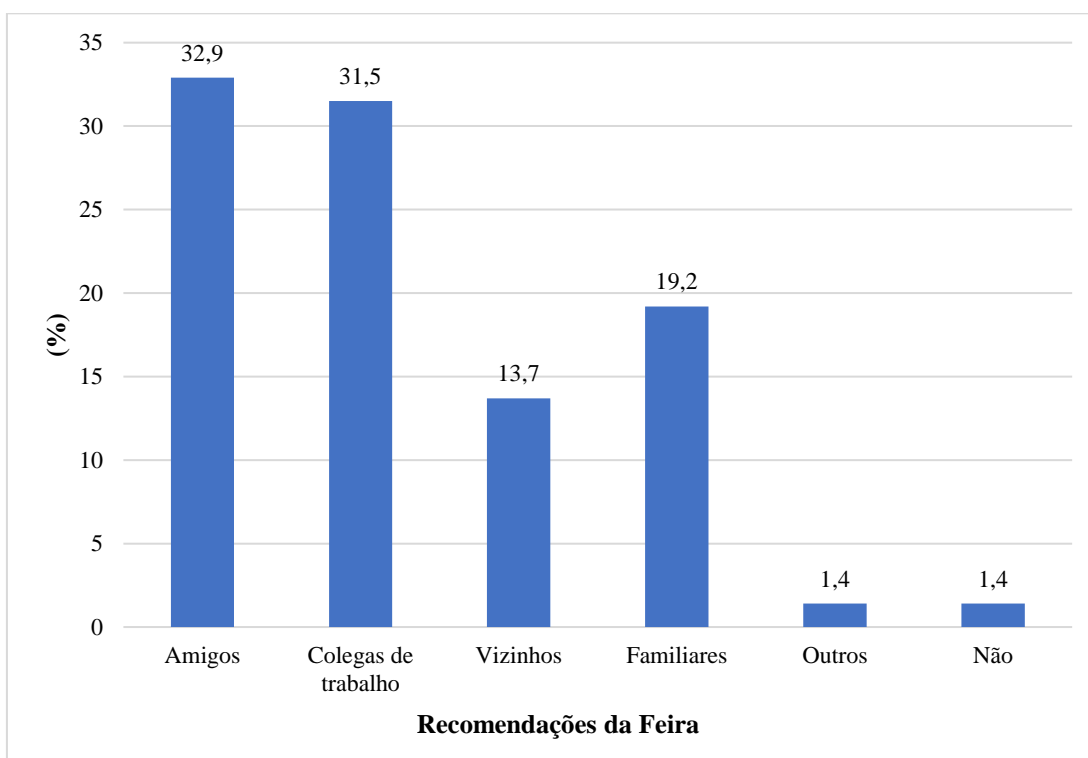
Produtos que fazem falta na feira	(%)	Quantidade
Caldo de cana	7,8	4
Chás	2	1
Churrasquinho	2	1
Cigarros de palha artesanais	2	1
Comidas com preços mais acessíveis	2	1
Cosméticos veganos	3,9	2
Croissant	2	1
Deveria oferecer mais variedade de frutas	3,9	2
Maçã	2	1

Mais opções de artesanatos	3,9	2
Mais opções de padaria vegana	2	1
Melancia	2	1
Não	35,3	18
Opções de caldos	5,9	3
Opções de queijos	5,9	3
PANC's	2	1
Pastel	7,8	4
Pêra	2	1
Sucos	3,9	2
Uva	2	1

Fonte: Elaboração própria.

Para os consumidores entrevistados na feira, o grupo social para o qual os entrevistados recomendaram o Quintal Solidário com maior representatividade foi para os seus amigos, sendo equivalente a 32,9%; em segundo lugar, os colegas de trabalho com 31,5 %; e apenas 1,4% dos entrevistados nunca recomendou/indicou a feira para ninguém. Veja o Gráfico 7.

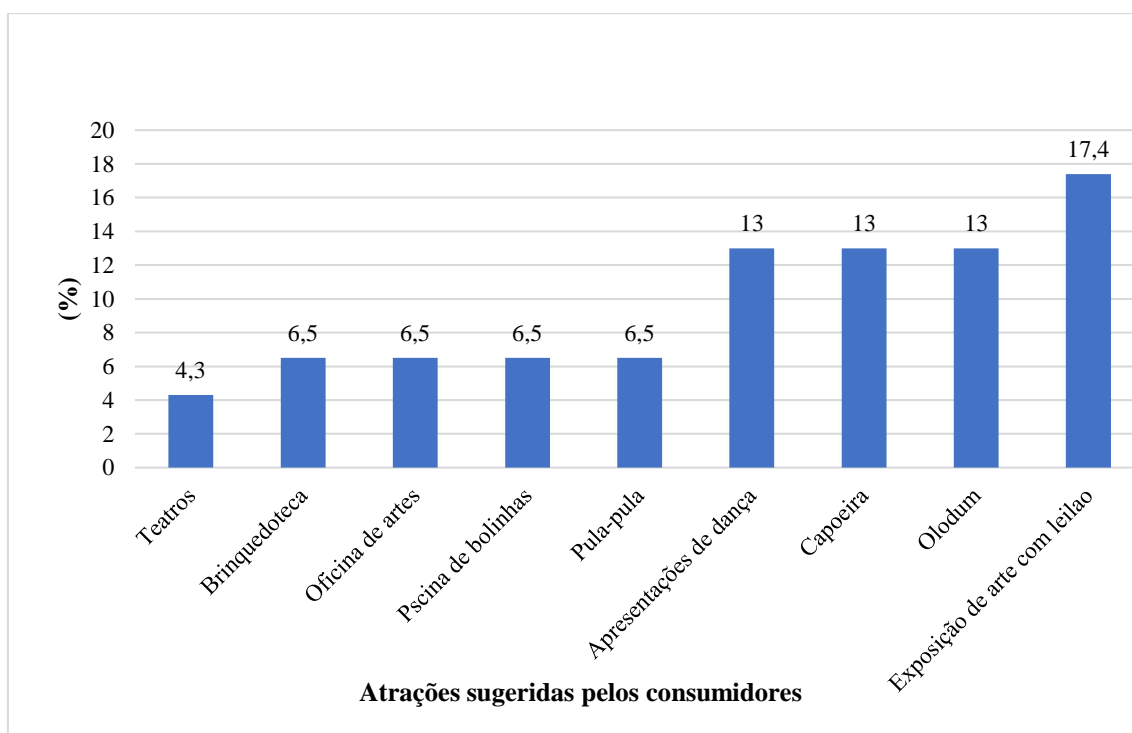
Gráfico 7 - Para que grupos sociais os consumidores recomendaram a feira Quintal Solidário



Fonte: Fonte: Elaboração própria.

Em uma das perguntas que compunha questionário da pesquisa havia uma que buscava compreender, segundo o ponto de vista dos consumidores, se a feira Quintal Solidário poderia oferecer outras formas de atrações culturais. Constatou-se os seguintes dados: 56,4 % disseram que não seria preciso de oferecer mais atrações além das que já são oferecidas, 17,4 % gostariam que tivessem exposições de arte com leilão. Olodum, capoeira e apresentações de dança representam 39 % das indicações, e as demais sugestões (Comidas típicas, Exposições de livros, Festividades sazonais, mais opções de artesanatos, Noite de poemas, Orquestras, Teatros, Brinquedoteca, Oficina de artes, piscina de bolinhas e pula-pula) somam-se 44%. Conforme apresentados no Gráfico 8:

Gráfico 8 - Atrações culturais sugeridas pelos consumidores da feira Quintal Solidário



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, pode-se apresentar os dados que versam sobre a demanda específica e frequência. Questionou-se aos clientes consumidores se eles costumam ir à feira para suprir uma demanda específica e com qual frequência eles o fazem.

Observa-se que 74,4 % não compram nenhum produto regularmente; 10,10 % dos consumidores vão à feira mensalmente para adquirir produtos como Alface, Banana, Couve, Laranja e Maçã; 8,8 % dos consumidores vão à feira semanalmente para

adquirir produtos como Alimentos Frescos sem agrotóxicos, Ervas, Hortaliças, Legumes e Comida vegana congelada; e 6,7 % dos consumidores vão à feira esporadicamente para adquirir produtos como Morangos orgânicos, Plantas e verduras e Verduras frescas.

A partir das respostas recolhidas através do questionário aplicado em 39 consumidores das 289 pessoas que frequentaram a feira no dia 06/07/2022 (constituindo 13,5 % das pessoas presentes no dia) pode-se observar diversos comportamentos que serão sistematizados nas considerações finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui desenvolvido tem como intuito analisar a Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar Quintal Solidário através da ótica do cliente consumidor. Para isso, buscou-se trabalhar com temáticas que perpassam o objeto de estudo como as feiras, economia solidária, agroecologia, circuitos de comercialização, entre outros.

A discussão realizada buscou demonstrar como o espaço das feiras de agricultura familiar e economia solidária são fundamentais para o desenvolvimento de uma lógica de mercado distinta da atual caracterizada como predatória e excludente, na qual os agricultores familiares e empreendimentos econômicos solidários são preteridos. Assim como teve o intuito de identificar qual é o nível de satisfação do cliente consumidor do Quintal Solidário que tem frequentado a feira após o período de isolamento social provocado pela Pandemia da Covid-19. Sabe-se que a pandemia vivenciada exacerbou as contradições e desigualdades sociais vivenciada pelo mundo, de modo que colocou novos desafios ao funcionamento do Quintal Solidário.

Os resultados da pesquisa apontaram que o público frequentador do Quintal Solidário é majoritariamente feminino e com maior grau de escolaridade (graduação e pós-graduação), o que pode se dar em razão da feira ser localizada no âmbito acadêmico-científico. Considera-se importante problematizar esse fato, pois tal realidade demonstra uma dicotomia – já muito presente no cotidiano de Viçosa/MG – entre UFV e Viçosa/MG e caracteriza o espaço do Quintal Solidário como espaço excludente.

Ademais, notou-se que maioria dos clientes consumidores (59%) avaliam a feira como excelente e que os principais motivos que levam aos pesquisados frequentar o Quintal Solidário são disponibilidade de produtos frescos, alimentos sem agrotóxicos e aquisição direta. O que demonstra que a proposta de feira de promover maior proximidade entre produtor e consumidor e alimentos sem agrotóxicos tem sido alcançada e bem avaliada pelos clientes consumidores.

Foi constado nesse estudo alguns elementos como atração cultural, horário de funcionamento, alimentos disponíveis, entre outros que podem ser refletidos pelo

comitê organizador da feira afim de promover mudanças na dinâmica de funcionamento dessa, pois foram fatores levantados como desafios pelo público pesquisado.

Não se trata de uma pesquisa aprofundada, que busca fornecer respostas a todas as questões levantadas sobre o tema, pelo contrário, é uma pesquisa de caráter exploratório-descritivo, na qual é possível identificar elementos que possibilitem o desenvolvimento de um estudo de maior profundidade.

Ressalta-se que este estudo foi uma continuidade do trabalho desenvolvido por Silva (2019), com a diferença de que a pesquisa ocorreu num período que antecedeu a pandemia causada pela COVID-19. Nota-se que alguns pontos, como o perfil do consumidor que mais frequenta, a motivação de quem compra e como as pessoas conheceram o Quintal, mantiveram semelhança com a pesquisa anterior. Porém nota-se uma grande discrepância entre o número de frequentadores da feira, fato que possivelmente pode ter tido influência da pandemia.

É preciso que novas pesquisas sejam realizadas com o intuito de desvelar outros aspectos que circuncidam o Quintal Solidário, por exemplo, identificar o perfil do feirante, a sua percepção sobre a feira, trabalhos voltados aos agricultores ou estudos que aprofundem a temática da agroecologia e Quintal Solidário.

Para finalizar, ressalta-se a importância do Quintal Solidário para a comunidade viçosense, que encontra nesse espaço produto saudável e de qualidade, cultura, lazer e solidariedade. Tal feira é mais do que aparenta, é símbolo de resistência em meio a uma conjuntura que o agronegócio, agrotóxico, monocultura, monopólios e grandes empresas são elementos entrelaçados a dinâmica da ordem social.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2000.

ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3ª ed. rev. ampl. São Paulo, Rio de Janeiro: **Expressão Popular/AS-PTA**, 2012. 400p. Atlas Digital da Economia Solidária. Disponível em: <http://atlas.sies.org.br/sobre.html>. Acesso em 03 jun. 2022.

ASSIS, Fabricio. A importância dos mercados locais para a produção agroecológica: estudo de uma feira na zona da mata de minas gerais. **Revista de Extensão da UNIVASF**, Petrolina, v. 1, n. 3, p.267-291, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/issue/view/65/33>. Acesso em: 03 jun. 2022.

AZEVEDO, E.; PELICIONI, M. C. F. Agroecologia e promoção da saúde no Brasil. **Revista Panam Salud Publica**, Washington, v. 31, n.4, p.290-295, 2012.

Buainain, A. M., Romeiro, A. R., & Guanziroli, C. (2003). Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Sociologias**, 5(10), 312-347. [Links]

CORAGGIO, José Luís. Economia Social e solidária: os alcances do projeto e da política. In: SOUZA, A.R, ZANIN, M. (Orgs.). **A Economia Solidária e os desafios globais do trabalho**. São Carlos: Edufscar, 2017. pp – 31-46.

CASSOL, A. P.; SCHNEIDER, S. Produção e consumo de alimentos: novas redes e atores. **Lua nova-revista de cultura e política**, n. 95, p. 143-177, 2015.

CASSOL, A. P.; SCHNEIDER, S. Produção e consumo de alimentos: novas redes e atores. **Lua nova-revista de cultura e política**, n. 95, p. 143-177, 2015.

COSTA, B. A. L. **ENTRE TEORIA E PRÁTICA**: a experiência da economia solidária no Brasil a partir de uma abordagem internacional. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-MG, 2013.

COSTA, B. A. L. Economia solidária e o papel das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil: a experiência de extensão universitária da ITCP-UFV. **Revista ELO– Diálogos em Extensão**, v. 2, n. 2, 2013.

COSTA, Bianca. Aproximando produção e consumo: a experiência do Projeto de extensão "Quintal Solidário", **Revista ELO - Diálogos em Extensão**, Viçosa-MG, volume 08, número 01, pag. 9-14, junho de 2019.

DANTAS, G.; PACHELLY, G. Feiras no Nordeste. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 7, n. 13, 2008.

DAROLT, M. R. **Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores**. Curitiba: Kairós, 2013.

DE BARROS MOREIRA, V. D. L. et al. Intercâmbios para troca de saberes—Fortalecendo a Agroecologia na Zona da Mata de Minas Gerais. **Cadernos de Agroecologia**, v. 4, n. 1, 2009.

Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). **Boas práticas em economia solidária no Brasil**. Brasília: CEA, 2016.

FRANÇA FILHO, G. C. A via sustentável-solidária no desenvolvimento local. **Organizações & Sociedade**, v. 15, n. 45, p. 219-232, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 60a ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em < <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gila-c-mc3a9todos-etc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em 10 de agosto de 2016.

GLIESSMAN, S. R.; **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. 653p.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HÖFLING, E. et al. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cadernos Cedes**, 2001
IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Município de Viçosa -MG.

IBGE. (2006). **Censo Agropecuário**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. [Links]

JARDIM, Anna. **Metodologia Qualitativa: é possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo?** Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, p. 1-12, jul. 2009. Disponível em: <https://cursodegestaoelideranca.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Artigo-sobre-Pesquisa-Qualitativa.pdf> . Acesso em: 03 jun. 2022

Kageyama, A. A., Bergamasco, S. M. P. P., & Oliveira, J. T. A. De. (2013). Uma Tipologia dos Estabelecimentos Agropecuários do Brasil a partir do Censo de 2006. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 51(1), 105-122. [Links].

LECHAT PAULE, N. M. Economia social, economia solidária, terceiro setor: do que se trata? **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 2, n. 1, 2002.

MEIRELLES, L. Soberania Alimentar, agroecologia e mercados locais. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v. 1, p. 11-14, 2004.

MENDANHA, J. F. Economia solidária e agricultura familiar. **Revista Científica do Itpac**, 2010.

MOURA et al. A Revolução Verde: Das importantes conquistas de produção e produtividade pela tecnologia às externalidades negativas resultantes: concentração de renda, terras e impactos sobre a biosfera. REIS, et al. **Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI**. Juazeiro – BA: UNIVASF, 2020. p.387

NETO, M. **Agroecologia e movimentos sociais: entre o debate teórico e sua construção pelos agricultores camponeses**. 2014. 202f. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) -Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Agrícola, Campinas, São Paulo. 2014.

POCHMANN, M. **Economia solidária no Brasil**: possibilidades e limites. 2004.

SILVA, Raquel Nunes. Feira de agricultura familiar e economia solidária: implementação, desenvolvimento e situação de (in) segurança alimentar e nutricional das famílias expositoras. 2019. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Agroecologia, Departamento de Nutrição, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.

SOUZA, H. N. **Sistematização da experiência participativa com sistemas agroflorestais: rumo à sustentabilidade da agricultura familiar na zona da mata mineira**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Viçosa.

SOUZA, C. **Políticas públicas**: uma revisão da literatura. 2006.

CUNHA, A. Qual a ruralidade das Ceasas. Evidências sobre a inserção da agricultura familiar nas Centrais de abastecimento brasileiras. **Anais**. 51º Encontro da SOBER. Belém, PA. p. 1-21, 2013.

CARNEIRO, F. F.; AUGUSTO, L. G. S.; RIGOTTO, R. M.; FRIEDRICH, K.; BÚRIGO, A. C. **Dossiê ABRASCO**: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015. 624 p.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PELLOSO, L. T.; CAMPOS, D. P. A. As alterações no mundo do trabalho e seus rebatimentos na questão social. In: **V Jornada Internacional de Políticas Públicas: Estado, Desenvolvimento e Crise do Capital**. 2015. São Luís - MA, Anais [...] São Luís, 2015.

REIS, A. H. (Org.); ARAÚJO, J. F. (Org.); Oliveira, L.M.S. de (Org.). **Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI**. 1. ed. JUAZEIRO: UNIVASF, 2020. v. 1. 387p.

LISBOA, A. S.; ALCÂNTARA, F. V. O Associativismo Rural como Estratégia de Desenvolvimento para a Agricultura Familiar. **Revista ParaOnde!?**, Porto Alegre, v.11, n.1, p.17-28, 2019.

MIGUEL, E. S. **Uso de agrotóxicos na produção de alimentos e condições de saúde e nutrição de agricultores familiares**. 2018. 161f. Dissertação - Curso de Agroecologia, Departamento de Nutrição e Saúde, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: CONTIN, I. L.; PIES, N.; CECCONELLO, R. (Org.). **Agricultura familiar: caminhos e transições**. Passo Fundo: IFIBE, 2006. p. 174-208. (Praxis, 5).

APÊNDICE

1. Questionário para os consumidores

1) Como você conheceu o quintal solidário?

- Através de um amigo
 - Através de expositores
 - Panfletos/Anúncios
 - Mídias sociais
 - Através da UFV
 - Outros.
-
-
-

2) Você tem o hábito de frequentar feiras?

- Não, primeira vez
- Semanalmente
- Mensalmente
- Esporadicamente

3) Na sua opinião, o que mais te atrai nesta feira?

- Produtos frescos
- Alimentos caseiros para consumo na feira
- Alimentos sem agrotóxicos
- Artesanatos
- Aquisição diretamente com o produtor
- Espaço para as crianças enquanto os pais fazem compras
- Música ao vivo
- Chopp
- Outros.

4) Existe algum produto específico que você somente encontra nesta feira?

5) Quais são os fatores que podem te limitar a frequentar a feira semanalmente?

- Preço
- Localização
- Estrutura
- Horário
- Medo de ser contaminado pelo vírus do COVID
- Outros

6) A relação com o feirante é um aspecto importante na hora de decidir qual feira frequentar? Porque?

- Sim
- Não

7) Você sente falta de algum produto na Feira? Se sim, qual?

8) Se esses produtos citados acima fossem comercializados na feira Quintal Solidário, você se tornaria um consumidor fiel deste produto, dando preferência

de escolha para o Quintal Solidário frente às outras feiras locais? Caso não, por quê?

Sim

Não

9) Você costuma vir à feira para suprir uma demanda específica? Se sim, quais produtos e com qual frequência?

Sim

Não

10) A feira também pode ser considerada um local de lazer? Porque?

Sim

Não

11) Você gostaria que tivessem mais atrações culturais? Caso a resposta seja afirmativa, quais?

Sim

Não

12) Você tem filhos?

Sim

Não

• Se sim, traz na feira?

Sim

Não

13) A sua criança já participou de alguma oficina destinada para crianças na feira?

Se sim, quais?

Sim

Não

14) Você já recomendou a feira para alguém?

Amigos

Colegas de trabalho

Vizinhos

Familiares

Outros

15) Existe algum produto da feira que você recomendaria para alguém? Se sim, quais?

Sim

Não.

16) Em termos de satisfação qual nota você atribuiria para a feira?

1 (Péssimo)

2 (Ruim)

3 (Regular)

4 (Bom)

() 5 (Excelente)

2. Fotos: Quintal Solidário: Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar





